

JOSÉ RENATO FUSCO



PROJETO:
UCRÂNIA
LIVRE

Projeto: Ucrânia Livre

"As armas têm apenas dois inimigos: Ferrugem e políticos."
- Ditado popular.

*

**

*

O INÍCIO DE TUDO

*

**

*

Me chamo Gleb Pasternak, tenho 65 anos e antes da "Operação Militar" que a Rússia iniciou na Ucrânia, para nos "desnazificar", eu era um policial aposentado.

Meu nome, Gleb, significa "herdeiro de Deus", segundo minha Mãe me disse uma vez. Meu sobrenome, Pasternak, não tem nenhum significado especial, mas é o mesmo do autor do livro que virou filme, Doutor Jivago. Boris Pasternak, se chamava. Apesar do que possa parecer, não somos parentes.

Uma vez soube que os censores do governo rejeitaram o livro por acharem a história antissoviética e crítica ao Stalinismo, à Coletivização, ao Grande Expurgo e ao Gulag. Para eles, Pasternak mostrava mais preocupação com os indivíduos do que com a coletividade, algo totalmente contrário ao que pregava o governo russo.

Pelo visto, mais do que apenas um sobrenome em comum nos une, apesar de eu nunca ter lido o livro ou visto o filme. Acho que não vai acontecer nessa vida, devido ao cenário atual. Mas vou fazer uma anotação mental da obra, se for verdade toda essa coisa de vida além da vida.

Mas confesso que divaguei um pouco e, nesse ritmo, essa gravação não terá fim.

Em 24 de fevereiro de 2022, Vladimir Putin deixou de blefar e finalmente invadiu o nosso já profanado território. Digo isso porque, apesar de ninguém na comunidade internacional ter ligado muito, ele já havia nos tomado a Criméia, lá em 2014.

Mas agora as coisas estão diferentes, pois os demais países finalmente perceberam que Putin não vai parar na Ucrânia. Ele almeja muito mais e, as vítimas mais óbvias são Polônia e Moldávia.

Diferente do que muitos esperavam, conseguimos impedir o ímpeto colonialista russo e não cedemos nosso território facilmente. As pessoas achavam que, por sermos pequenos e pobres, não poderíamos resistir por muito tempo.

Mas a vontade ucraniana de resistir (e também as armas estrangeiras, é verdade) é algo bonito de se ver. Nós vivemos "no lado de lá" da Cortina de Ferro, como Churchill gostava de dizer, e sabemos o que é sofrer sob o jugo de um governo de esquerda.

Outro cara que merece bastante crédito é o nosso Presidente, Volodymyr Zelenskyy, um comediante de meia idade que não esperava sequer ser o Comandante em Chefe, e muito menos nesse momento tão crítico. Ele tem surpreendido por sua capacidade até então desconhecida, acredito que até dele mesmo.

Mas, como você sabe, guerras não são ganhas em gabinetes chiques com ar-condicionado, mas sim no lodo, neve, chuva e sol inclemente. E não por políticos, mas sim por caras como eu.

Acho que agora devo falar de mim um pouco. Servi o Exército em 1977, ainda quando a URSS era forte e toda aquela palhaçada de "Guerra Fria" se desenrolava.

A todo momento treinávamos para uma guerra contra os Estados Unidos, mas eu sempre soube que era uma coisa sem sentido. Isso porque, ou não aconteceria nada, ou uma nação jogaria uma bomba atômica na outra, de modo que treinar era desnecessário.

Sobre o período do Exército, eu sempre me lembro de um Oficial, que gostava de ver a gente sofrer. O nome do psicopata era Akhat Smirnov. Esse puto colocava a gente para marchar 30 km logo depois do almoço. Muitos caras vomitavam devido ao esforço feito fora de hora e desnecessariamente. Eu não, mas os caras, sim.

Quando finalmente consegui me livrar daqueles putos, eu percebi que gostava do militarismo, das armas e tal. O que eu não gostava (e continuo não gostando) é dos militares russos.

Então voltei para minha cidade, Bakhmut, e decidi entrar para a Polícia em 1980. Esse negócio de perseguir vagabundos sempre me agradou bastante.

Eu já era um policial bem consolidado na cidade, quando em 1983 conheci Nadezhda. Ela era enfermeira no hospital da cidade e o nosso primeiro encontro aconteceu por causa de uma moça que havia sofrido um acidente de carro.

Coloquei a moça na viatura e a levei ao hospital, onde fomos recebidos por Nadezhda, que já a esperava com uma maca.

Como nossa cidade era pequena (continua assim até hoje), já a tinha visto aqui ou ali, mas nunca tínhamos conversado.

Quando entreguei a moça aos cuidados de Nadezhda, ela me disse que não tinha onde jantar naquela noite. O resto é história.

Nosso casamento sempre foi tranquilo e, em 1987, tivemos gêmeos. Um deles, o menino, infelizmente não se desenvolveu adequadamente e morreu logo nas primeiras horas de vida.

Rimma, por outro lado, se desenvolveu normalmente, era sempre uma das melhores alunas da sala e se tornou uma médica bastante conhecida na cidade, apesar da carreira ainda curta.

Nadezhda nunca deixou de acreditar que o nosso filho morreu em razão da radioatividade causada pelo que a imprensa passou a chamar de "Acidente Nuclear de Chernobyl", o que Rimma sempre desacreditou, alegando que se fosse esse o caso, ela também teria sido afetada.

De toda forma, o "Acidente Nuclear de Chernobyl", para mim, sempre foi a "Cagada de Chernobyl", algo muito comum vindo dos militares russos.

Nunca passamos fome, mas a vida atrás da Cortina de Ferro não era fácil, então com a queda da URSS, ficamos extasiados. Ainda havia muita pobreza e inflação, mas ao menos tínhamos uma nação para chamar de nossa, então era só uma questão de tempo e de trabalho duro para tudo melhorar.

Com o passar dos anos, a nossa economia, que é eminentemente baseada na agricultura, fez as coisas se encaixarem. Antes da guerra, éramos os maiores produtores de semente de girassol, além de sermos um dos maiores produtores do mundo de milho, batata, repolho, abóbora, cenoura, ervilha, trigo, soja, cevada, centeio e pepino... Essas coisas.

Foi nesse contexto que Rimma ficou grávida, no ano de 2014. Apesar de termos sido pegos de surpresa, uma vez que não sabíamos que ela estava namorando. Mas Denys logo a pediu em casamento e fizemos uma pequena festa no jardim da nossa casa.

Denys é (ou era) um bom homem, mas não passou por momentos fáceis recentemente, para dizer o mínimo.

No fim das coisas, apesar da apreensão inicial, Nadezhda e eu ficamos felizes em ver a família crescendo. Nosso neto veio ao mundo em agosto de 2014, e demos a ele o nome do meu Pai, Oleh.

*

**

*

É CHEGADA A HORA DE REAGIR

*

**

*

Apesar de discordar frontalmente da invasão da Criméia, pouco pude fazer para me rebelar publicamente, já que naquela época eu era o Chefe da Polícia de Bakhmut e estava em vias de me aposentar, após 35 anos de serviço público.

Não fiz nada de efetivo, assim como todos os outros ucranianos e os líderes mundiais. Mas a situação nunca me desceu bem.

Quando, em 2021, Putin atacou novamente, Denys e eu fomos convocados para servir à Pátria. Finalmente faríamos valer a frase "a glória da Ucrânia ainda não pereceu, nem a sua liberdade", presente em nosso Hino Nacional.

Tudo transcorria tão bem quanto possível numa guerra, com a gente empurrando os russos de volta para a casa deles, quando soubemos que a desgraça havia nos atingido da pior maneira possível.

Nadezhda, Rimma e Oleh estavam passando de carro num cruzamento, quando a cidade foi bombardeada visando atingir deliberadamente alvos civis. Um míssil russo atingiu o carro onde estava minha família em cheio. Isso foi ano passado.

Confesso que, desde então, para mim a vida perdeu qualquer sentido. Agora, eu vago por conta própria, de prédio em prédio, buscando emboscar os russos e vingar minha família.

Mas Denys não soube "lidar tão bem com a notícia", e acabou se ferindo gravemente com uma granada que ele mesmo lançou, durante a batalha ocorrida no Complexo Metalúrgico e Siderúrgico de Azovstal, uma das maiores empresas de laminação de aço do País.

A usina tinha importância vital para Mariupol, porque o complexo onde a fábrica se encontra tem bunkers e túneis capazes de resistir a um ataque nuclear, motivo pelo qual tornou-se o último bolsão de resistência da cidade.

Hoje, quase 6 meses depois daquele dia, Denys ainda recebe cuidados paliativos no hospital de Bakhmut, sem previsão de melhora significativa. Na verdade, eu acho que ele preferia morrer. Eu também.

Para mim, um divisor de águas sobre me manter ligado ao Exército regular da Ucrânia se deu quando invadimos um necrotério que estava sem energia elétrica há um tempo muito superior ao permitido pelas agências de saúde, certamente.

Estávamos em Donetsk quando aconteceu. Meu pelotão era composto por 20 caras e eu era só mais um deles, apesar de ser velho e ter sido Comandante da Polícia de Bakhmut. A guerra proporciona esse tipo de situação direto, e a gente tem que saber lidar com o orgulho.

O ponto é que o Tenente, um cara chamado Valerii, e o Sargento, cujo nome era Yuriyovych, realmente não sabiam o que era um combate real.

*

**

*

O ÚLTIMO COMBATE NO EXÉRCITO

*

**

*

Quando chegamos na esquina do necrotério, o cheiro já era insuportável. Mesmo assim eles insistiam na necessidade de entrarmos lá para "ver o que precisa ser visto".

Deixei absolutamente claro que achava tudo muito com jeito de emboscada, afinal quem poderia estar abrigado em meio a tamanho odor de putrefação? Para mim, aquele lugar era consagrado aos demônios.

Como fui solenemente ignorado, a operação começou. O necrotério, que deveríamos tomar ficava dentro do hospital da zona leste de Donetsk.

Como o complexo fora construído em um porão, para chegar lá precisamos andar em fila indiana e descer por uma estreita escada, que era perfeita para uma emboscada, e péssima para o que se propunha: A entrada das macas com os corpos.

Além da questão do cheiro, o cenário também não ajudava em nada, pois o pátio que separava o hospital do necrotério era, em verdade, um depósito de muambas, com macas, cadeiras e suportes de soro velhos expostos a céu aberto.

Assim que atravessamos o pátio, encontramos uma porta de aço bem grande e, após essa, uma cortina de plástico transparente, onde vários corpos jaziam sobre mesões de metal

sujos de sangue e outros líquidos que as pessoas expelem quando morrem. Era um verdadeiro banquete para as moscas e larvas, que se desenvolviam plenamente em temperatura ambiente.

Havia homens, mulheres e até crianças ali. A estadia deles no local deveria durar apenas algumas horas e sempre na geladeira.

Mas com a linha de frente cada vez mais próxima, as funerárias não conseguiam mais recolher os corpos que, devido à falta de eletricidade causada pela interrupção em razão dos bombardeios, acabavam explodindo sem refrigeração.

Isso é algo natural, mas que só devia acontecer debaixo da terra, após o enterro.

Os peritos chamam esse fenômeno de "fase enfisematosa" que ocorre quando os corpos já não conseguem segurar dentro de si, os gases e fluidos pútridos acumulados após a morte, e estouram.

Foi com muito custo que verificamos o perímetro total do prédio e declaramos a área como estando "limpa", uma palavra realmente forte para se dizer sobre um lugar em que a sola do sapato colava no chão a cada passo que dávamos, em razão da quantidade absurda de seque e dejetos ressecados que repousavam ali.

Quando saímos do prédio pelo lado oposto ao que entramos, vimos cadáveres por toda a extensão da escada. Como eles estavam a céu aberto, havia vermes e sangue podre por todos os lados.

Mas não era dali, pelo menos no curto prazo, que vinha o perigo. Isso porque logo após alcançarmos o nível da rua, no topo da escada, soldados russos nos receberam com tiros de metralhadora. Eles estavam escondidos nos insalubres montes de lixo e resíduos produzidos pelo próprio hospital, do outro lado da via.

Foi uma batalha intensa, mas rápida. Os russos, por estarem numa posição privilegiada em relação a nós, que estávamos aglomerados na estreita escada, tentando não tropeçar nos corpos que ali jaziam, nos dizimaram. Pouco pudemos fazer.

Quando o tiroteio acabou, o que receio ter acontecido somente porque os russos estavam com pouca munição, restavam apenas 4 de nós: Yuriyovych, Valerii, Kuznetsov, que era um bom homem, e eu.

Olhei furioso para Valerii e Yuriyovych, que agora claramente já não achavam mais uma boa ideia entrar naquela sucursal do Inferno só para "ver o que precisa ser visto".

Só que agora, 16 caras estavam mortos. 16 famílias estavam destroçadas e a Rússia, um pouquinho mais perto de subjugar a Ucrânia.

Com intensa raiva, fui para cima dos dois gritando: "A ignorância de vocês me faz pensar na idade das trevas como um período iluminado!"

A coisa só não descambou mais ainda, porque Kuznetsov entrou no meio com o famoso discurso do "deixa disso".

Assim que voltamos para a base, juntei as minhas coisas e disse para Valerii, agora calmo e sensato, que estava fora do Exército.

Olhei bem em seus olhos e disse: "Você não é um homem comum. Você tem uma missão especial, que é ajudar a resgatar a dignidade e a liberdade do povo ucraniano. Mas para ter sucesso, precisa compreender que, quem não tem estratégia, participa da estratégia dos outros".

Me virei e saí. Essa foi a última vez que vi aqueles caras. Se estão vivos ou mortos, não sei dizer. Na guerra, essas coisas mudam rapidamente.

*

**

*

GLEB PASTERNAK, O LOBO SOLITÁRIO

*

**

*

Como a minha desilusão com o Exército não afetava em nada o meu desejo de matar russos invasores e ver a Ucrânia livre, decidi agir por conta própria.

E qual o melhor lugar para isso, senão a própria terra? Não há. E foi por isso que decidi voltar para Bakhmut, e defendê-la o quanto pudesse, uma vez que o pessoal de Moscou a vê como chave para a obtenção do controle de toda a área de Donbass Oriental.

Pelo caminho, me meti em uma escaramuça ou outra, matei três soldados russos que faziam a guarda de um cruzamento rodoviário e destruí um trilho de trem usado pela Rússia para levar cidadãos ucranianos civis rumo à tortura. Nada muito demorado, afinal, meu objetivo principal era voltar para casa.

Não sabia dizer se a minha casa ainda estaria de pé, pois havia quase um ano que não voltava para lá. Mas, para minha surpresa, o prédio ainda estava relativamente intacto, a exceção de ter sido invadido.

Não senti falta de nada de valor, mas sim de itens básicos como comida, roupas de frio e do sistema de gás. Fiquei chateado, é claro, mas nada daquilo realmente importava, pois eu não ficaria ali. Caso contrário, as lembranças de Nadezhda, Rimma, Oleh e até mesmo de Denys, jamais me permitiriam manter o pouco de sanidade que ainda me restavam.

Para minha sorte, entretanto, os invasores não localizaram no piso, a entrada do pequeno bunker que construí sob a casa, local onde meu estoque de comida para 6 meses, alguns remédios, algumas trocas de roupas e um bom sistema portátil de filtragem de água estavam.

Havia também, uma novíssima Glock 21, Geração 4, no calibre 45 Auto e um fuzil Barrett, calibre 50.

E cerca de 10 mil munições. Certamente não faltaria nada para o show que eu pretendia dar.

Antes da guerra, Bakhmut era uma cidade com população estimada em 73.212 habitantes. Agora, não passa de uma cidade abandonada e cheia de escombros. Um deles é o Monastério do centro da cidade, que teve a sua nave completamente destruída, mas cuja torre do sino permaneceu relativamente intacta.

Decidi me instalar no local por dois motivos principais. O primeiro é que a visão da cidade, do ponto de vista da torre é privilegiada. O segundo é que, logo abaixo do piso onde fica instalado o sino (agora inoperante) havia uma suíte onde dormiam os padres responsáveis pelo Monastério do Coração de Cristo dos Padres Basilianos, sendo o último deles, Leonid Vasiliev, um bom amigo que não se importaria em me ver usando os seus aposentos, se ainda caminhasse entre nós.

*

**

*

ANTES DA MUDANÇA, SABOTAGEM

*

**

*

Antes de seguir para a minha última morada, decidi que precisava fazer um pouco mais do que pegar uns caras com meu rifle.

Sempre que um homem solitário precisa causar danos ao inimigo, certamente a sabotagem passa a ser uma opção. Foi assim que decidi explodir a ponte que havia sobre o Rio Siverskyi Donets.

Não sou engenheiro, mas sempre gostei de explosivos. Quando era criança, meu Pai sempre fazia bombas caseiras, comprava rojões e etc., para que a gente explodisse coisas, então eu tinha alguma noção.

Para conseguir explosivos, tive que invadir o depósito de provas da Polícia, o que não foi difícil, tendo em vista que o lugar estava abandonado. Desde que os russos chegaram, a política do mais forte voltou a reinar e estamos "cada um por si", como dizem.

De posse do material necessário, que havia sido apreendido de uma mina irregular de carvão, alguns anos antes, quando eu ainda estava na ativa, parti em direção à ponte.

Quando cheguei "no nosso lado do rio", e só falo isso por uma questão prática, já que "o lado de lá" também é Ucrânia,

percebi que alguns russos estavam reunindo vários tanques próximos da margem.

Minha ideia era explodi-la logo que possível, mas se a sorte estava do meu lado, o que me custava aguardar um pouco, para que a explosão acontecesse no momento em que eles a estivessem atravessando?

Assim, eu não somente atrasaria o progresso daqueles putos, como levaria vários deles comigo.

A questão era que eu precisaria instalar os explosivos bem abaixo dos narizes deles, o que não seria fácil. Mas, mais uma vez, o destino ajudou, porque os russos logo começaram a incendiar as florestas próximas, e a lançar muitas granadas de fumaça, tudo para atrapalhar a visibilidade que eventuais satélites poderiam ter da área.

De certa forma, a estratégia deles deu certo, porque o mundo só soube da destruição da ponte 3 dias depois, quando a fumaça se dissipou.

Mas estou me adiantando na história.

Quando começou aquela fumaceira toda, abri minha mochila impermeável, retirei tudo o que não iria precisar dentro da água e escondi numa moita.

Tirei minha roupa e entrei na água da maneira mais silenciosa que pude. Não levaria mais do que 4 ou 5 horas para fazer o serviço se não tivesse que me preocupar com a questão da furtividade, mas como esse era um ponto crucial, fiquei dentro da água por aproximadamente 9 horas seguidas.

Quando finalmente saí de lá, meu corpo estava em vias de entrar num estado hipotérmico irreversível, por isso optei por me afastar cerca de 4 KM da ponte, para fazer uma fogueira e poder me aquecer.

Tomar essa atitude me incomodou bastante, porque eu poderia perder a passagem dos russos pela ponte, e então só me restaria explodir tudo, se os meus explosivos não fossem descobertos, é claro.

Mas, por outro lado, sabia que eles deveriam esperar pela hora mais escura da madrugada, para fazer a travessia em sigilo, ou quase.

E, se cheguei no Rio Siverskyi Donets por volta das 5h da manhã, passei cerca de 9h na água, ainda devia ser o meio da tarde, o que significa dizer que, para as 2h da madrugada, ainda faltavam cerca de 10 horas.

Após me aquecer, me alimentar e dormir um pouco, voltei para a ponte e percebi que, com o cair da noite, não enxergava mais nada, pois a fumaça continuava intensa e para piorar tudo, ainda tinha um nevoeiro.

Assim, a única maneira que tinha de saber se os russos estariam atravessando a ponte era pelo som, o que não seria um grande problema tendo em vista o excessivo barulho que os motores dos tanques russos fazem.

Cerca de 20 minutos após ouvir os primeiros motores de tanques serem acionados, percebi que a ponte toda estava repleta de inimigos. Apertei o "botão vermelho", explodi tudo e corri como nunca até o carro.

Foi somente 4 dias depois, que soube detalhes do estrago que havia causado: De acordo com grupos de Telegram que sigo, cerca de 1.500 soldados russos acabaram morrendo com a explosão, além de eles terem perdido uns 150 tanques e outros diversos veículos leves.

*

**

*

MINHA NOVA MORADA

*

**

*

Enquanto dirigia rumo ao meu pequeno bunker, onde pegaria suprimentos e os levaria ao Monastério do Coração de Cristo dos Padres Basilianos para me apossar dos aposentos do Padre Vasiliev, me deparei com diversos postos de caridade, onde o pessoal servia sopa, dava roupas, remédios e demais provisões aos mais vulneráveis.

Foi aí que me deparei com o fato de que, mesmo na guerra onde todos estão vulneráveis, ainda existem os mais frágeis. Naquelas filas, só havia pessoas com problemas médicos crônicos, idosos, crianças e algumas mulheres.

Toda família conta com gente desse tipo. É por eles, principalmente, que lutamos. Pois caso contrário, vão morrer. E, penso que se falharmos com os nossos, é melhor que nós mesmos nos encontremos com a morte.

Quando finalmente cheguei ao bunker (ou minha antiga casa, como preferir), logo percebi que levaria realmente muito tempo para transportar tudo ao Monastério com meu sedan.

Sabia que meu vizinho da frente, o senhor Dmytro, tinha uma caminhonete antiga. Roubá-lo, mesmo que sua volta fosse muito improvável, era algo que estava fora de questão, então apenas peguei o veículo emprestado.

Para tanto, usei meu pé-de-cabra para forçar o cadeado que estava no portão.

A chave, para minha sorte, estava no contato. É, pois é. Coisas de cidade pequena. Mas minha sorte acabou aí, porque além de o veículo estar com a bateria arriada, a gasolina que havia no tanque provavelmente não seria suficiente para ir e voltar.

Então perdi quase duas horas entre puxar combustível do tanque do meu carro para um galão e, então abastecer a caminhonete. A sorte é que a dita cuja não era movida à diesel, senão já era.

Como eu não dispunha dos cabos necessários para fazer a transferência de carga entre a bateria do meu carro para a do senhor Dmytro, logo decidi inverter as duas. É que a minha funcionava perfeitamente e, a dele, tornaria a recarregar quando eu desse o tranco no meu carro.

Feito isso, passei a carregar a caminhonete com todo o meu estoque, que consistia em diversos tipos de comida liofilizada e água. Como sempre fazia o estoque girar, o tempo possível de armazenamento ainda era de aproximadamente 18 meses antes do consumo, o que era certamente muito mais do que seria preciso.

Como éramos em 5 na família nuclear, e havia comida e água suficiente por 30 dias para todos, eu tinha 600 refeições disponíveis. Isso quer dizer que poderia comer bem, durante pelo menos dois meses e meio, sem pular o café da manhã, desjejum matinal, almoço, desjejum vespertino, café da tarde, jantar e colação.

Nunca na vida comeria tanto assim. Por hábito, apenas tomo uma caneca de café preto de manhã, almoço e janto.

Em relação a água, a situação era muito boa também, pois havia seguido a mesma metodologia da comida, então havia 450 litros armazenados. Se uma pessoa deve tomar cerca de 3 litros por dia para manter-se saudável, isso quer dizer que eu poderia usar 225 litros para beber durante os mesmos dois meses e meio

pretendidos. Com os 225 litros restantes, cozinhará e, eventualmente, me lavaria.

Trouxe várias outras pequenas coisas comigo, como papel higiênico, lanterna, fogareiro e gás, além de muitos charutos e seus apetrechos. Se ia terminar os últimos dias da minha vida numa maldita eterna vigília, ia ser fumando um charuto atrás do outro, assim como Churchill.

Por um tempo, achei que a caminhonete não suportaria tanto peso, mas depois vim a descobrir que poderia ter colocado três vezes mais carga, que ela ainda daria conta tranquilamente. O problema, na verdade, foi o volume. Por um triz que não coube tudo de uma só vez.

Como suspeitei desde o princípio, não havia energia elétrica na torre. Mas a privada era boa e ainda funcionava, bastando que se jogasse água em seu interior, para que os dejetos fossem para onde quer que tivessem de ir.

A única coisa que precisava que carregasse era o meu celular, então o carregador solar que comprei pela internet 2 anos antes daria conta, numa boa.

Quando me instalei adequadamente na torre, posicionei minha Barrett no tripé, o qual estava apoiado na escrivaninha que o Padre Vasiliev mantinha para realizar seus estudos e preparar suas homilias diárias. Arrastei-a para bem de frente com a janela, mas do lado oposto do quarto. Assim eu enxergaria a paisagem, mas dificilmente seria visto pelo inimigo.

Sim, é verdade que quanto mais distante da janela, menor meu ângulo de visão. Mas era isso, ou tomar um tiro sem sequer saber de onde teria vindo. A vida é feita de escolhas, e raras são as situações em que o "ganha-ganha" é possível.

Quando tudo estava pronto, coloquei minha Glock na cintura, desci e fui entregar a caminhonete do senhor Dmytro. Talvez você me ache um tolo por fazer isso, já que muito provavelmente nem

ele, sua mulher ou filhas jamais voltarão buscar o que lhes pertence.

Acontece que não é esse o ponto. O cerne da coisa é que não sou bandido, então não posso agir como tal.

Essa é uma daquelas situações em que me lembro das inúmeras vezes nas quais o Padre Vasiliev nos alertava: "O Demônio tem muitas faces, e essa é só mais uma delas".

Nunca fui muito bom com essa coisa de religião como era Nadezhda, mas sei que o Demônio não é um cara. Ele é o dinheiro fácil da propina, a mulher sensual que se aproxima e destrói seu casamento e até a bebida, que te coloca de joelhos no fundo do poço, bem longe dos seus. O Demônio tem muitas faces.

Em suma, furtar a caminhonete do senhor Dmytro seria o mesmo que abraçar uma das faces do Demônio. Sei que, na hora de acertar minhas contas com Deus, haverá uma grande fatura a ser paga, mas dentre meus pecados, o furto não estará listado.

Quando guardei a caminhonete na garagem do senhor Dmytro, fechei-a o melhor que pude e voltei ao meu carro. Não foi difícil fazer a bateria pegar no tranco, porque ele era leve.

Assim que voltei para o Monastério pela última vez, passei a fazer barricadas em todas as entradas possíveis. Mas dei atenção especial para a escada que levava aos meus aposentos, na Torre do Sino.

Ali, a cada andar (e eram 4), eu entrava nas salas e arrastava mesas, sofás e armários para a escada. É claro que um inimigo obstinado conseguiria transpor tudo isso, mas certamente levaria tempo. Um tempo que ele não teria, e que para mim seria abundante.

No meu apartamento em si, que consistia em um quarto e banheiro, arrastei a pesada cômoda do Padre Vasiliev contra a porta, selando-a para sempre.

Durante todo o período da minha vigília, nunca usei a lanterna que havia trazido e só acendi o fogareiro bem abaixo da janela, para que o seu pequeno fogo não chamasse a atenção do inimigo. Pelo mesmo motivo, durante o dia, também não me aproximava da janela de pé, para não ser visto.

Com tamanha limitação de movimentos, logo passei a dormir durante a maior parte do dia e a trabalhar a noite. E elas foram interessantes, para dizer o mínimo.

Seguindo o mesmo princípio de não ser visto, coloquei o colchão do Padre Vasiliev no chão. Não mudava muita coisa, mas me trazia conforto mental, o que também deve ser levado em conta quando se está sob pressão.

Daqui, consegui matar 37 soldados russos, sendo um deles o Tenente-General Roman Zakharov, conforme confirmei no site do The Washington Post. Poder contar com a rede de Internet da Star Link realmente não tem preço.

Talvez você não concorde com um cara que se esconde para matar pessoas. É um direito seu pensar assim, mas gostaria que você soubesse que eu não atiro para matar; eu atiro para permanecer vivo. Para meu povo permanecer vivo.

Entretanto, acho que a minha maior contribuição daqui, foi ter alertado via Telegram, o pessoal do Exército da Ucrânia, de que havia uma grande concentração de russos logo na entrada de Bakhmut. Nossa artilharia fez um belo trabalho aquela tarde.

Dedurar a posição dos inimigos a tempo de possibilitar uma reação só foi possível porque Bakhmut foi fundada em 1.571, para servir como um posto de guarda. A coisa deu tão certo que acabou sendo transformada em uma vila fortificada. Posteriormente, nos idos de 1.701, foi erguida uma fortaleza, a qual serviu de base para que a cidade se desenvolvesse.

*

**

*

CONJECTURAS E UMA BALA ESPECIAL

*

**

*

Quando a guerra estourou, a maior parte do mundo achou que ela seria rápida. Não foi.

Outros acham que perderemos, ainda que a longo prazo, ao menos em parte, o nosso território. Pode ser, mas ainda é cedo para dizer com certeza.

Do alto das minhas últimas horas nesse quando e onde, acho que teremos uma guerra prolongada, porque se a Rússia é forte, nós estamos contando com a OTAN para resistir. A força de ambas as partes, um dia há de se equilibrar, e aí veremos a incapacidade de um obter larga vantagem sobre o outro.

Com isso, haverá estabilização nas principais linhas de frente, e pequenas batalhas localizadas serão cada vez mais comuns, visando a tomada de pontos como estradas, pontes e depósitos de munições.

Nesse caso, venceria o lado que aguentasse por mais tempo, as condições adversas que só a guerra é capaz de proporcionar. No fim, sempre é e será sobre resiliência.

Tudo isso, Glen disse enquanto fazia rolar entre seus dedos, uma bala calibre 45 da Federal. Era uma das que a indústria chama de "+P+", ou seja, com pressão extra.

*

**

*

O DIA DO JUÍZO FINAL

*

**

*

Durante os 39 dias que fiquei aqui, até esta data, 15 de fevereiro de 2023, sempre consulte o celular, para saber como as coisas estão indo.

Gosto de me informar pelos grupos de Telegram, mas estou sempre tomando cuidado para não cair em fake news.

De produtores de notícias falsas, já bastam os sabotadores e grupos espões que trabalham infiltrados nos mais diversos meios sociais.

Assim como eles, os propagadores de fake news também gostam de semear confusão e desconfiança entre a população, que já não sabe mais em que acreditar.

Pelo que soube através do "ZN, UA" e pude constatar da minha janela, Bakhmut está sendo fortemente bombardeada essa semana. A minha sorte é que os putos da artilharia russa parecem não ser muito bons de mira, senão a torre em que me encontro não existiria mais. Boa parte da cidade não passa de escombros, inclusive o bairro em que ficava minha casa.

Os prédios da Delegacia, Prefeitura e Companhia de Saneamento também não foram poupados, assim como o hospital central e, provavelmente, meu Genro.

O Governo decidiu fortificar as posições por aqui e impedir a entrada de civis na cidade. Eles sabem que, dentro em breve,

Bakhmut tal como é hoje, será apenas um tópico na história gloriosa da Ucrânia.

Volodymyr Zelenskyy sabe que a cidade é um objetivo principal para Putin, pois sua captura daria à Rússia uma nova posição na região de Donetsk.

Agora, vejo claramente a infantaria russa se aproximando do centro da cidade. Ainda tenho cerca de uma semana de comida e água disponíveis, mas não tenho mais psicológico para permanecer aqui.

Para mim, o Dia do Juízo Final chegou.

Mas não se preocupe, pois vou em paz. Tenho plena consciência de todo o mal e bem que propaguei.

--- BUM ---

Foi apenas alguns segundos depois de ter enviado seu relato em áudio para a Agência Reuters de Notícias, que Gleb Pasternak colocou um ponto final em sua passagem pela Terra.

Logo após o disparo da munição de calibre 45 "+P+" ter atingido o céu de sua boca, a Glock caiu para o lado exalando uma fina fumaça azul.

Apesar de Gleb estar quase em vias de ser capturado, pois os russos identificaram (após mais de 2 meses) o seu esconderijo, ele morreu assim como viveu: Como quis.

Ninguém ouviu o disparo que lhe fora fatal.

Post Scriptum

Esse texto não é real, apesar de eu ter me esforçado significativamente para que pareça. Acho que todo escritor que se preza, age assim.

Todos os personagens são ficcionais. Seus nomes e sobrenomes foram retirados daquelas listas de nomes que o Google mostra, trazendo o seu suposto significado. Ou de reportagens e artigos sobre a Guerra da Ucrânia.

As informações coletadas, tais como nomes de cidades e dados econômicos e demográficos são reais, mas o desenrolar da narrativa que os menciona, não.

O necrotério, por exemplo, existe. Mas fica na Venezuela. Me vali de uma excelente reportagem feita pela BBC para romancear o lugar. É claro que nunca houve qualquer tiroteio lá, apesar de a situação dos cadáveres ser real. Sim, amigos, a Esquerda sempre mata. Seja por ação ou omissão, mas mata.

A ponte do Rio Siverskyi Donets era móvel e foi construída pelos russos. Mas ficava no Donbass, bem longe de Bakhmut, apesar de ambas as localidades serem na Ucrânia. Ela foi explodida por um grupo do Exército Ucraniano, numa ação tão impressionante, que merecia virar livro ou filme.

Como escrevi esse conto no Carnaval de 2023, ainda é impossível saber se a Ucrânia vencerá. Espero que sim, em nome do Mundo Livre que Churchill tanto lutou para que existisse.

Nessa tarde, faltam apenas 4 dias para que a Guerra da Ucrânia complete 1 ano, o que muitos (inclusive eu) duvidaram que aconteceria.

A vontade ucraniana de resistir é inspiradora!

Avaré, 21 de fevereiro de 2023.